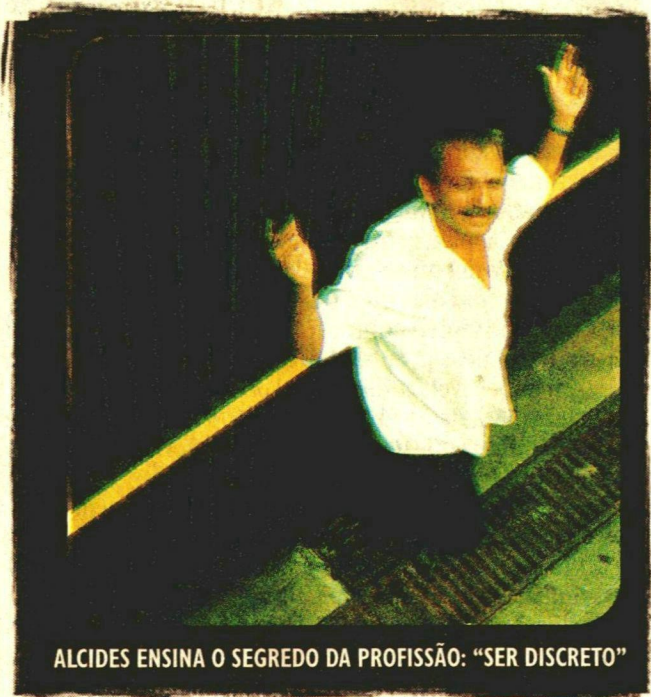


“BOM PORTEIRO É COMO PADRE: NÃO CONTA O PECADO”



ALCIDES ENSINA O SEGREDO DA PROFISSÃO: “SER DISCRETO”

O pernambucano **ALCIDES** Batista de Souza ajudou a erguer as primeiras casas do Guará. Em 1968, deu fim à roça de milho e feijão que tinha em Itapetim, para bater aterro, preparar massa e encaixar tijolo no Planalto Central. Trabalhou na construção civil durante dois anos, até conseguir emprego de porteiro no Plano Piloto.

Alcides — o faz-tudo do bloco onde mora o místico Ubirajara — tem 55 anos e passou metade da vida enfiado em cabines de portaria. O tempo foi suficiente para aprender o maior segredo da profissão: “Para ser bom, o porteiro tem que ser atencioso, educado e, principalmente, discreto.”

Por onde passa, Alcides não deixa vestígio: é a discrição em forma de gente. A reserva com que trabalha talvez tenha sido determinante para conseguir um dos primeiros empregos no Plano Piloto: foi porteiro de um certo bloco da 104 Norte.

Na década de 70, o prédio era exclusivo para funcionários do Serviço Nacional de Informações (SNI) — o órgão de inteligência do governo militar. “Ali só moravam tenentes e coroneis do Exército. Ninguém podia entrar lá”, recorda.

A discrição é tanta que — 16 anos após o fim do regime ditatorial — o porteiro não revela qual era o bloco funcional do SNI. Segredo de ofício. “O bom porteiro é que nem um padre no confissãoário. Não pode sair contando os pecados dos outros”, ensina.

Alcides aposentou-se como porteiro há alguns anos, mas resolveu não parar de trabalhar. “Preciso complementar minha renda. Se fosse viver só da aposentadoria, ia passar fome”, reclama. O benefício rende pouco mais de R\$ 700 por mês. Com o dinheiro extra, paga os estudos da filha mais nova.

O porteiro trabalha 12 horas por dia. Passa a maior parte do tempo sentado. Mas não tem descanso: atende o interfone, anuncia as visitas e abre o portão eletrônico da garagem com um controle remoto.

Ele não paga aluguel. Mora com a mulher e os três filhos num apartamento do pilotis do bloco onde trabalha. “Se deixar o emprego, fico sem **MORADIA**. Tenho que entregar o apartamento na mesma hora”, explica. Mas Alcides não pretende deixar o trabalho tão cedo. Gosta de morar ali.

Com as economias que fez durante a vida, o porteiro deu entrada numa casa própria. O imóvel fica em Samambaia e está emprestado a uma sobrinha. Alcides já pagou 30 prestações do financiamento: ainda faltam 114 parcelas para a quitação. Nada menos que nove anos e meio.

Depois de trocar as luminárias de Ubirajara, Alcides desceu à garagem subterrânea do bloco para uma vistoria de rotina. Quando chegou lá embaixo, lembrou que havia esquecido o controle remoto na portaria. Olhou para cima e viu quando Lucas chegava da escola com um violão no ombro.

— Você pega o controle pra mim?

MORADIA. Apartamento funcional foi o carimbo de bom negócio na mudança de boa parte dos funcionários públicos para Brasília. Era o atrativo que faltava para que trocassem outras cidades pela capital em construção. Vizinhos dos novos moradores, os

porteiros também estrearam no Plano Piloto de casa nova. Grande parte dos prédios funcionais têm residência no térreo, destinada aos porteiros. Aos poucos, no entanto, eles também estão saindo das casas, expulsos pela mania de terceirização dos serviços, que agora também toma conta dos condomínios residenciais. Os moradores aproveitam a área nos pilotis para outras finalidades. Mais sorte tiveram as 13.800 famílias que em 1990 viram o sonho da casa própria tomar forma de decreto. O então presidente Fernando Collor vendeu grande parte dos funcionais da União. Foi uma oportunidade de ouro para adquirir apartamento no Plano Piloto a preços mais baixos que os de mercado. Hoje, restam os funcionais ocupados por parlamentares e militares. Assim como Alcides, eles perdem a moradia se saírem do emprego.